

# FATOS E NOTAS

---

## A RELIGIÃO DE JINA.

---

1. — Os sistemas mais antigos da Índia não são os seis sistemas filosóficos, Mimânsâ, Vedânta, Sâmkhya, Ioga, Vaiçeshika e Nyâya, mas as duas escolas do pensamento e da religião, o Janismo e o Budismo que negam a autoridade dos Vedas, a validade dos ritos e as castas.

O Jainismo é uma das duas maiores filosofias religiosas heterodoxas, chamadas “as grandes heresias”, que aparecem no VI século a. C.

2. — Os jainas consideram a sua doutrina como eterna e imutável. O fim dos 24 Têrthamkaras ou profetas, que em época estabelecida de cada fase cósmica aparecem na terra, é restabelecer a eterna lei da eterna verdade. Dêsses 24 profetas só são reconhecidos como pessoas históricas propriamente os dois últimos, Pârçva e Vardhamâna. Pârçva nasceu em Benares, de família nobre e guerreira. Aos 30 anos renunciou os bens terrenos para dedicar-se ao caminho da salvação; aos 100 anos, tendo subido ao monte, voluntariamente entrou no **nîrvâna**. Após a sua morte, 250 anos mais tarde, apareceu Vardhamâna, o último dos profetas do período cósmico em que vivemos. Nasceu em Kundagrâma, ao norte de Pâtali-putra, hodierna Patna, no Bihar, em 549 ou 540 a. C. Casouse e teve uma filha. Experimentou o gôzo do mundo, mas não estava satisfeito. Tornou-se monge e aos 30 anos iniciou a sua peregrinação, aos 40 anos obteve o conhecimento absoluto: a revelação do método para fugir da dôr universal. Desde aí êle, Jina, foi um “vencedor” do mundo e das suas paixões, um **Arhat**, “venerável”, um **Mahâvêra**, “grande herói”, um **Kevalin**, “onisciente”, um **Têrthamkara**, um profeta da fé. Os últimos 30 anos de sua vida dedicou-os à peregrinação por vários lugares até que faleceu aos 72 anos. Para ganhar os seus ouvintes, falava o pracrito ou língua vulgar usada na sua região.

3. — O canon dos jainas chama-se **Siddhânta**, “a doutrina”, ou **Agna**. Êle não contém uma revelação divina, porque os jainas negam a existência de uma divindade onipotente e onisciente, porém contém a eterna doutrina da eterna verdade que cada Têrthamkara manifestou aos vivos. O canon Çve-

tâmbara compreende os 12 **angas** “membros”, os 12 **Uvanga**, os 10 **Painn** “trechos esparsos”, etc. A língua usada no canon estabelecido no concílio de Valabhî é uma variedade do pracrito, ou melhor, um dialeto médio indiano, chamado **ardhamâgadhi**, “meio magadhî”. Êsses trabalhos pertencem a época e a autores diversos: os mais antigos pertencem ao IV a. C. As obras são cêrca de 50, parte em prosa, parte em versos, que revelam não só a doutrina religiosa, filosófica, moral, escatológica dos jainas e a disciplina, mas também o estado científico do tempo com noções de cosmologia, astronomia, geografia, fisiologia, patologia, etnologia e ferecem larga bagagem de lendas, novelas, noções mitológicas, etc. Muito menos importante do **çvetâmbara** é o canon **digambara**.

4. — Segundo a doutrina dos jainas o universo, que é eterno, sem princípio e sem fim, incriado e não sujeito a qualquer regedor onipotente, é constituído de um complexo de seis classes de substâncias elementares em perpétua evolução. As substâncias dividem-se em duas grandes categorias: espirituais e inanimadas. As almas, substâncias espirituais, são infinitas em número e eternas. Elas possuem quatro perfeições: vista, conhecimento, felicidade, infinita possibilidade de agir. As perfeições manifestam-se integralmente quando as almas são separadas do contacto da matéria.

O **Karman** é a força misteriosa que brota das ações boas ou más e determina o destino do homem numa existência futura. E' uma concepção complicada e obscura e tem sua origem, segundo alguns, na longínqua pré-história. Do totemismo tirou o conceito da alma que volta à terra sob forma de animal ou de planta; da magia tirou o caráter do fluido invisível, que vai por caminhos secretos a operar admiráveis feitos; da especulação tirou o valor de lei moral para constituir ligação de casualidade entre a alma humana e o renascimento. Não se demonstra a existência do **Karman**, foi instituído por Kapila, Jina e Buda por um ato de clarividência, é uma entidade metafísica que escapa a qualquer investigação.

O Jainismo tem por alvo a salvação. Condição indispensável para obter o livramento do ciclo das existências e por conseguinte da dôr, é a onisciência, própria das almas livres, é possuir as três jóias (**triratna**) da religião: reta fé, reto conhecimento, reta conduta, que são a via da libertação.

Reta fé é aceitação integral das verdades reveladas pelo último Têrthamkara: “E' a plena adesão do espírito às verdades fundamentais”. A reta fé se acrescenta o reto conhe-

cimento. Não se obtêm imediatamente, pois o conhecimento experimental é sempre falho, porém é reto conhecimento somente aquêle que repousa na onisciência que Jina havia conseguido. Reta conduta é conseguida observando os preceitos pelo comportamento externo e interno, pregados por Jina e recolhidos no canon.

5. — Um grande cisma deu origem a duas divisões da igreja jâinica: uma a dos **Digambaras**, “vestido de ar”, nus e a outra **Çvetâmbara**, “vestidos de branco”.

6. — Todos podem fazer parte da vida monástica desde que tenham completado 7 anos e meio, sem moléstia mental ou outras razões que impeçam. O noviço renuncia a todos os seus bens, raspa os cabelos, recebe um nôvo nome e pronuncia solenemente os 5 “grandes votos”: 1). — não matar; 2). — abandono de tôda a palavra mentirosa; 3). — não roubar; 4). — castidade absoluta; 5). — renúncia a tôda a possessão. Para os monges e leigos há também prescrições a observar. Dado o escrúpulo que os jainas têm em matar qualquer ser vivo, dedicam-se ao comércio e não à lavoura, porque o arado semeia a morte. Em 1951, os jainas eram em número de 1.678.000.

As comunidades mais numerosas encontram-se na Índia Ocidental, em Rajartham, Gujarat, Saurashtra, Estado de Bombay. Grupos menores, especialmente de **digambara**, deparam-se em tôda a Índia Meridional.

7. — Os jainas consideram errôneas tôdas as outras doutrinas, as quais se originaram da corrupção e incompreensão da doutrina da salvação revelada aos homens pelos Tîrthainkaras. O fato, porém, de ter êle surgido do mesmo terreno cultural do Induísmo e do Budismo revela certas idéias comuns com a espiritualidade indiana. O Jainismo repudia tôda a tradição védica. Nega qualquer que seja o valor às abluções religiosas. Crema os seus ascetas, conservando os seus osso e não os sepultam, como fazem os hindus; observa com rigor o sentido da **ahimsâ** (não matar ser algum), abandonando os sacrifícios cruentos do tempo védico. Aceita o sistema das castas.

Mais acentuadas são as diferenças ideológicas entre o sistema dos jainas e as doutrinas reconhecidas na maior parte pela seitas induístas: o teísmo das segundas, que geralmente admitem um regedor universal; o universo é para os jainas incriado e eterno, sujeito a periódicas destruições e criações pelos hindus; para uns, o **Karman** é um complexo de partículas

da matéria, para outros é uma força invisível; para os jainas, a alma livre mantém a sua individualidade, enquanto que para a maior parte dos hindus o livramento consiste num completo anulamento da profunda metafísica da alma universal.

Algumas analogias podem se encontrar com o sistema **Sâm-khya** e com os **Vaiçesika**. As analogias entre Jainismo e Budismo são muitas, a ponto de haver quem pense ser o Jainismo oriundo do Budismo ou êste daquele.

Foi Colebrook, o fundador da filologia sânscrita, quem deu um resumo filosófico interessante sôbre o Jainismo e afirmou que êste é anterior ao Budismo. Indianistas como Wilson, Lassen, Burnouf que disse:

“Les Djaina... sont dans l'Inde les véritables héritiers des Bouddhistes”,

são de opinião que o Jainismo se originou do Budismo. Coube a H. Jacobi dar uma solução do obscuro problema com argumentos seguros, demonstrando ser o Jainismo anterior ao Budismo. Ambos se originaram do Brahmanismo e tornaram-se princípios heréticos. Como dissemos, há certas analogias entre êles. Ambos negam a autoridade dos Vedas e a existência de um Deus supremo; ambos reconhecem uma série de anunciadores da doutrina, Jina 24, Buda 25, fruto de um mítico passado de personalidades teóricas de fundadores ou reformadores das duas ordens, venerados com análogos ritos, etc.; ambos com o mesmo princípio do **ahimsâ** — “não matar ser vivo algum”, o dever de uma vida moral alta, a vida monástica, os exercícios de meditação.

Bem notáveis são também as diferenças entre Jainismo e Budismo. A ascese é repelida por Buda, que recomenda o “caminho do meio”, isto é, nem ser mundano, nem asceta, mas acolhida por Jina, que entende ser eficaz; para Buda, o conhecimento é o fator determinante para obter o livramento e entrar no **nirvâna**, cujo conceito, de propósito, é deixado obscuro. Para Mahâvîra, o conhecimento é uma qualidade até certo ponto acessória, pois ela vem mediante a ascese. Quanto ao **nirvâna**, é bem determinado no Jainismo:

“É um lugar seguro, mas difícil de alcançar, no qual não se encontra velhice, morte, dôr, doença..., lugar pacífico, feliz e eterno...”.

A religião de Jina finalmente, no sentir do Prof. Carlo Della Casa, no seu belo trabalho **II Gianismo** (1962), tem cer-

ta afinidade com a religião de Zoroastro (1): num e noutra movimento de reforma nota-se desejo de pureza originária, uma franca oposição entre o espírito e matéria, um respeito particular para todos os seres viventes, e a tentativa de substituir o ritualismo por um esforço de renovação moral.

**JORGE BERTOLASO STELLA**

---

(1). — Vide a resenha desse livro no número 57 desta Revista (Nota da Redação).